

O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

RESOLUÇÃO DA COMISSÃO POLÍTICA DO C. C. SOBRE A ORIENTAÇÃO DO MOVIMENTO DA JUVENTUDE

Sempre se tem dito, e é verdade, que quem ganhar a juventude, ganhará o futuro.

Hoje, quando o governo fascista envolve Portugal na guerra colonial e ençaminha o País para uma crise política sem precedentes, o problema de ganhar a juventude deve pôr-se-nos também com uma premência sem precedentes. O ardor revolucionário da juventude, sobretudo da juventude operária e camponesa, dá-lhe uma importância decisiva no levantamento nacional e impõe que o Partido faça um esforço como há muitos anos não tem feito para ganhar a juventude.

Posto isto, a Comissão Política:

- considerando que para subtrair a juventude à influência do fascismo, para educar a massa da juventude num espírito progressista e para formar uma vanguarda juvenil marxista-leninista, é necessário fazer com que a orientação para a juventude acompanhe em cada momento a situação política;
- considerando que para se traçar uma orientação global para a juventude é necessário conhecer os seus problemas, as suas disposições, as suas organizações, etc;
- considerando que as resoluções tomadas pela C. Política e pelo C. C. em 1960 não puderam traçar essa orientação global e que existem hoje as condições indispensadas para melhor se precisar a orientação anteriormente traçada;

resolve adoptar a orientação que a seguir resumidamente se expõe:

a) Quanto aos jovens comunistas

A orientação que de há anos se tem seguido e que consiste em criar somente pequenos organismos de jovens comunistas a que costumamos chamar fracções, que têm por missão exclusiva assegurar a defesa da orientação do Partido nas organizações juve-

nis de unidade, está completamente desactualizada. Ao contrário dessa orientação, que praticamente impedia o acesso dos jovens ao Partido, o que mais importa fazer, relativamente à juventude, é criar organizações locais, e num ou noutro caso mesmo organizações regionais de jovens comunistas, tão fortes quanto possível.

Não existem actualmente condições para criar uma organização independente de jovens comunistas, mas pode dizer-se que tudo leva à crer que futuras conjunturas políticas nos imporão a criação de uma organização desse tipo, adaptada, evidentemente, às nossas condições nacionais e à situação política do momento em que for criada. E nós devemos trabalhar, não apenas com os olhos postos no presente, mas também no futuro previsível.

As organizações locais de jovens comunistas devem, em regra, ser controladas pelas organizações locais e regionais do Partido, em cujos organismos de direcção deve existir sempre um responsável pelo trabalho partidário entre a juventude. Os organismos de direcção local ou regional do Partido que controlem as organizações de jovens comunistas devem, ao controlá-las, ter em conta as características especiais dessas organizações, treinando-as na prática da utilização de um grande poder de iniciativa e de decisão.

Todos os militantes do Partido devem ter em conta os ensinamentos de Lênine, segundo os quais as organizações de jovens comunistas devem ser autênticas escolas de militantes comunistas, o que implica que se nelas deve ser feito um bom trabalho de formação comunista junto dos jovens membros do Partido, implica também que as exigências a fazer para ingresso numa organização de jovens comunistas não podem ter a rigidez das exigências a fazer à entrada de adultos no Partido.

É no seio da juventude operária e camponesa que devemos fazer os maiores esforços para criar fortes organizações de jovens comunistas.



b) Quanto às organizações legais de massas da juventude

Pensa a C. Política que não há actualmente condições para a existência de uma organização unitária legal de massas da juventude progressiva como o foi o MUD Juvenil nos seus primeiros anos.

Organizações verdadeiramente legais e verdadeiramente de massas só o podem ser, nas presentes condições, as organizações que pela sua força e pelos seus limitados objectivos conseguem impor a sua legalidade ao fascismo.

As organizações legais de massas existentes ou a criar nas escolas técnicas profissionais (que hoje se estendem a todo o País e são frequentadas por 78.500 alunos, grande parte dos quais são jovens operários, devem merecer-nos especial atenção.

Nos Sindicatos, Casas do Povo e dos Pescadores devemos encontrar formas adequadas à organização legal da juventude.

As comissões juvenis de unidade das empresas bem como as comissões juvenis de unidade nas praças de jorna, herdades e aldeias para as lutas reivindicativas dos jovens, oferecem igualmente largo campo à organização dos jovens trabalhadores.

As colectividades populares, os grupos recreativos e desportivos das empresas, os pequenos grupos campistas, etc, em que podemos e devemos desenvolver infinitamente mais o nosso trabalho, são outras e fundamentais organizações de massas a que ocorre a juventude trabalhadora. Basta dizer-se que há em Portugal 2.238 colectividades recreativas e desportivas que agrupam 821.681 sócios, para se ver a importância que deverá ter o nosso trabalho nestas organizações de massas.

É entre os estudantes universitários que as organizações legais de massas estão mais desenvolvidas (embora subsista o grande atraso do Porto). É aspiração da imensa maioria dos estudantes universitários, frequentemente expressa nos seus programas e jornais a criação de uma organização nacional dos estudantes. Os estudantes comunistas devem apoiar todas as iniciativas que mais fortemente unam e melhor sirvam os interesses dos estudantes.

Também as organizações legais de massas dos jovens liceais devem merecer dos jovens progressistas todo o incentivo e carinho.

Como se vê, muitas organizações legais de massas da juventude existem já, e há todas as condições para criar outras. Nestas organizações devem os jovens comunistas desenvolver o melhor da sua actividade, dando provas de iniciativa, abnegação, pureza moral e capacidade na defesa dos interesses e no fortalecimento de todas essas organizações.

É dever dos jovens comunistas serem os melhores defensores dos interesses da juventude e os mais abnegados obreiros das suas organizações. Levar a cabo uma política de unidade da juventude e simul-

c) Quanto a organizações políticas unitárias da juventude

É evidente que nem o Partido pode enquadrar o crescente número de jovens que querem ter uma actividade política, nem as organizações legais de que atrás falámos podem satisfazer esta ansia de milhares de jovens. É necessário, pois, uma organização unitária que enquadre essa massa de jovens.

Sendo assim, pensamos que, neste momento, pelas perspectivas que oferece a luta eleitoral, devemos apoiar ao máximo a formação de Comissões Cívicas legais da juventude.

Mas devemos também compreender que, para além do movimento eleitoral que terminará dentro de poucos meses, e a menos que a campanha eleitoral ou outros acontecimentos tragam grandes alterações à situação política portuguesa, tais comissões legais deixarão de oferecer as indispensáveis perspectivas. Por isso devemos desde já apoiar algumas Juntas de Acção Patriótica existentes entre a juventude desde que virem a sua actuação quer, e sobretudo, para as formas legais de luta, quer para dirigirem eventuais lutas que exijam uma direcção clandestina no período eleitoral, quer para orientar uma série de acções que só no terreno clandestino podem ser eficazmente orientadas (muitas das acções contra a guerra de Angola, etc.).

É de admitir que após o período eleitoral essas Juntas se multipliquem, mas o movimento que delas resultar, embora clandestino do ponto de vista orgânico, deve, quanto a nós, virar o grosso dos seus esforços sobretudo para a acção de massas de tipo legal, bem como para toda a espécie de acções, legais ou ilegais contra a guerra colonial.

A juventude mais esclarecida e politizada quer organizar-se, e tudo tem feito para se organizar legalmente num movimento unitário, mas na medida em que aumenta constantemente a acção repressiva do inimigo, não hesita em organizar-se clandestinamente. Seria cegueira política não se aproveitar tal disposição por preconceitos legalistas, e deixar assim de procurar ajudar-se o que há de mais combativo na nossa juventude.

De modo algum qualquer Junta de jovens deverá ser constituída na base de partidos, pois que isso seria uma ficção política e conspirativamente um grande perigo. Deve fazer-se tudo, isso sim, para que as Juntas de juventude representem efectivamente as várias correntes de jovens, mas tendo em conta que a imensa maioria dos jovens é gente sem partido e sem sequer se integrar em qualquer corrente política definida. Essa massa é pois a que mais representada deve estar nas Juntas da juventude.

Enquanto não se puderem fortalecer as organizações comunistas da juventude, devem ser as preocupações dominantes de todo o jovem comunista.

A LUTA CONTRA A DITADURA FASCISTA EXIGE : A UNIDADE DE PENSAMENTO E DE ACÇÃO DE TODO O PARTIDO

A resolução do Comité Central do nosso Partido condenando o desvio de direita no P. C. P. nos anos de 1956-1959 e a Declaração sobre «A via para o derrubamento da ditadura fascista e para a conquista das liberdades políticas», foram calorosamente apoiadas por todo o Partido e encontraram o melhor dos acolhimentos noutros sectores de opinião democrática.

Esta concordância reside sobretudo num ponto: o fascismo não abandonará o poder por sua livre vontade e tudo nos mostra que só pela força este lhe poderá ser arrancado.

A unanimidade de opiniões sobre este problema é um factor de entendimento que não está desligado dos passos que ultimamente têm sido dados no caminho da Unidade das forças democráticas.

Quer isto, entretanto, dizer que estão vencidas todas as dificuldades e que não existem discordâncias e incompreensões?

Elas existem, não só fora, mas também dentro do Partido, particularmente no que respeita aos métodos de luta a empregar para o derrubamento da ditadura fascista, à errada interpretação do que é levantamento nacional, e à reanimação das ideias golpistas e terroristas.

Há camaradas que negam a importância das lutas parciais reivindicativas e interpretam a «via para o derrubamento da ditadura fascista» como a preparação imediata para a acção directa.

Como forma de acção preconizam a organização de grupos clandestinos que ficariam à espera dum «momento emocional» causado por um acontecimento político no interior ou no exterior do país, ou à espera da hora X para conjugarem a sua acção com a dum golpe militar e saírem então para a rua e começarem a luta armada contra o fascismo.

Outros camaradas, além de apoiarem estes perigosos e errados métodos de luta, defendem ainda que esses grupos clandestinos devem desenvolver acções directas de represália contra os fascistas e o seu regime.

Estas tendências golpistas e terroristas estão a dificultar o justo aproveitamento da disposição de luta da classe operária e da maioria do nosso povo e a comprometer o alargamento das acções de massas contra a ditadura fascista.

Vejamos algumas das razões porque o Partido condena estas ideias e métodos errados de acção:

— 1. O golpismo e o terrorismo de origem anarquizante e pequeno-burguesa, poderiam, no caso de ganharem terreno, vir a causar sérios prejuízos à luta do nosso povo.

O regime fascista de Salazar está divorciado da

Nação, não tem o apoio do povo, debate-se com mil dificuldades, mas mantém-se insolentemente no poder, apoiado num forte aparelho repressivo e nos altos comandos das forças armadas que são da sua inteira confiança. É neste poderoso aparelho repressivo e no auxílio do imperialismo e da burguesia monopolista, que reside a força do regime fascista de Salazar.

Na situação presente o aparelho repressivo fascista tem condições para fazer malograr tentativas isoladas como as preconizadas pelos que defendem métodos de acção golpistas e terroristas. No caso duma tentativa púchista malograda, os fascistas, para prolongarem a sua estadia no poder aproveitariam a oportunidade para desencadear uma onda de repressão ainda mais brutal e criminosa que a actual contra o Partido e as outras forças democráticas. A vanguarda seria ainda mais duramente atingida, e os grupos clandestinos para acção directa, grupos débeis pelo seu isolamento, não resistiriam a essa ofensiva repressiva.

Num tal caso, os graves prejuízos e o atraso causado à luta do nosso povo, são evidentes.

Esta a primeira razão que mostra os prejuízos que o golpismo e o terrorismo podem causar à luta contra a ditadura fascista.

2 — O Partido condena os métodos de acção golpista e terrorista, métodos que assentem em acções individuais e na esperança dum golpe militar vitorioso. A experiência mostra-nos que estes métodos entorpecem e prejudicam o desenvolvimento da luta.

No documento da Comissão Política de Maio de 1960 «Tarefa inadiável da hora presente: a unidade», fazem-se a este respeito justas considerações que pela sua flagrante oportunidade transcrevemos a seguir:

«Desde a instauração do fascismo em Portugal, constituem grande número os golpes militares gorados mesmo antes de entrarem na sua fase executiva. Salvo o 7 de Fevereiro de 1927 que levantou grande parte do exército, e a revolta da Madeira de 1931, todos os outros foram abafados dentro do ovo. Em cada caso a história repete-se: mal os conspiradores militares começam a preparar o golpe, logo circula por toda a parte a notícia, sempre optimista e sempre inconfiante, os boatos sucedem-se durante semanas ou meses, correm à boca pequena e com indicação de não ser repetidos os nomes dos chefes, e, de repente, tudo termina, com uma data marcada para o golpe vitorioso, uma tímida tentativa e umas tantas prisões.

Entretanto, a preparação de tais golpes gorados semeia profundas ilusões, leva muitos anti-fascistas a tudo esperarém da acção dos militares, provoca o afrouxamento da luta política, da movimentação de

massas e do esforço dos democratas para se organizarem, e tem assim uma acção altamente nociva para o desenvolvimento do movimento nacional contra a ditadura fascista. O mesmo sucede com o fracasso do golpe, pelo desânimo e desorientação que sempre provoca».

Em «A via para o derrubamento da ditadura fascista e para a conquista das liberdades políticas», o CC do nosso Partido critica as tendências golpistas e o terrorismo e coloca a orientação do levantamento nacional que se forjará através das lutas parciais de carácter económico e político contra o regime fascista de Salazar.

Através das acções parciais, grandes e pequenas, conquistam-se aumentos de salários e melhores condições de vida, a luta amplia-se, as massas treinam-se, organizam-se e elevam a sua combatividade. Forja-se assim a unidade da classe operária e das outras classes trabalhadoras. É ainda nestas acções parciais contra a exploração do patronato e do governo que as massas ganham maior consciência política e disposição para se lançarem em lutas superiores.

Como se diz no já citado documento da C.P., de Maio de 1960: «A batalha pela liberdade» não consiste apenas na luta final decisiva. Ela abrange e implica uma série de lutas políticas parciais por objectivos limitados e imediatos que são a condição indispensável para o desenvolvimento e amadurecimento do movimento anti-salazarista».

Este é o caminho que conduz ao levantamento nacional. Não é um caminho fácil. É áspero e difícil, mas é o caminho seguro que devemos percorrer para alcançar a vitória sobre o regime fascista de Salazar.

O desenvolvimento das acções parciais é, pois, condição decisiva para o levantamento nacional e para a conquista duma verdadeira democracia no nosso país. Quanto maior e mais ampla for a participação das massas na luta, mais profundas e radicais serão as conquistas sociais, políticas, económicas, etc., no futuro regime democrático. Daqui a necessidade da participação das massas na luta, em primeiro lugar da classe operária como classe revolucionária consequente e a sua aliança com os camponeses. Daqui a necessidade inadiável do abandono de métodos errados e prejudiciais como os que advogam os partidários do golpismo e do terrorismo.

3 — A falta de confiança nas massas leva os camaradas partidários do terrorismo e do golpismo a negar a importância das lutas e das vitórias alcançadas e descrever dos resultados das lutas parciais. Sem confiança no papel e na acção da classe operária e das massas populares na luta contra o fascismo, os partidários do terrorismo, olham à sua volta e não vendo neste momento lutas poderosas que ponham o regime em perigo imediato e que os convençam da força da classe operária e do povo, caem no desânimo e na desorientação política o que os conduz em linha recta ao golpismo e ao terrorismo.

Mas enganam-se os camaradas do Partido e os democratas de outras tendências que supõem que os actos de terrorismo podem ser a faísca que faça lavar o incêndio. Ao contrário, tais actos não têm o apoio das massas e provocam o seu retraimento. Por outro lado, tal como no caso dum putch malogrado,

também aqui o fascismo encontra pretexto para intensificar a repressão.

Em defesa das suas ideias os partidários do terrorismo dizem que não compreendem a posição do Partido apoiando as acções «terroristas» em Angola e na Argélia e condenando-as no nosso país.

Estes argumentos mostram precisamente a confusão existente, pondo no mesmo pé a fase actual da luta pela democracia e contra a ditadura fascista de Salazar e a luta do valente povo angolano pela libertação do seu país, contra o colonialismo.

O Partido jamais poderá considerar «terroristas» os patriotas angolanos que desenvolvem uma luta de guerrilhas que contam com apoio de todo o povo de Angola, dos povos coloniais e dos povos amantes da liberdade em todo o mundo, contra o exército português equipado com armas da NATO. «Terroristas» é como lhes chamam os fascistas e colonialistas. Patriotas é como lhes chama o nosso Partido.

Esta mesma ideia tem o Partido sobre os patriotas argelinos que lutam pela libertação da sua pátria do jugo dos colonialistas franceses.

O reaparecimento das ideias terroristas precisamente no começo do período de ascenso revolucionário em que estamos a entrar é, como se diz em «A via para o derrubamento da ditadura fascista e para a conquista das liberdades democráticas», «em parte» a expiação dos pecados oportunistas «do movimento democrático» ou seja reacções de sectores mais radicais contra concepções legalistas e contra a ilusão duma fácil solução pacífica do problema político português que o nosso próprio Partido contribuiu para criar.»

Para além do esforço que o Partido faça para, através do esclarecimento e discussão, eliminar as incompreensões e os errados conceitos existentes sobre o golpismo e o terrorismo, devem os militantes do Partido, desenvolver os maiores esforços para intensificar as acções de massas e fortalecer a unidade das forças democráticas. Criaremos assim as condições para o levantamento nacional.

Este será o melhor e mais seguro remédio contra as tendências golpistas e terroristas.

4 — Importa ainda procurar esclarecer a diferença que existe entre os métodos de luta preconizados pelo Partido antes da rectificação do desvio oportunista de direita e os métodos que agora o Partido defende e que devem conduzir ao levantamento em massa da Nação.

No período de 1956-59 em que o Partido seguiu uma linha oportunista, independentemente da ideia errada sobre a solução pacífica, o P. preconizava efectivamente a necessidade das acções de massas para agudizar as contradições do fascismo e acelerar a sua desagregação. Nesse período a classe operária era chamada a actuar não como força dirigente da luta contra a ditadura fascista, mas como instrumento de desagregação do fascismo, como apêndice da burguesia. O papel de vanguarda que a ela e ao seu Partido competem e têm de desempenhar linha sido posto de parte. Esta a causa principal da fraca combatividade que se vinha a verificar nas acções da classe operária e do papel cada vez mais apagado do Partido.

Ao contrário, na linha política do levantamento nacional, a classe operária e o seu Partido, têm como objectivo, em unidade com as outras forças democráticas, retomar o seu papel de vanguarda.

Preconizando a luta da classe operária e a sua aliança com os camponeses (resultante da solidariedade e do apoio activo que a classe operária dá às reivindicações e à luta dos camponeses), preconizando a luta das amplas massas da população, assim como a sua organização em Comissões de Unidade de carácter permanente, o Partido rectifica o seu desvio oportunista, vindo na acção organizada da classe operária o factor decisivo para o levantamento nacional e chamando-a a assumir com o seu Partido o papel dirigente e de vanguarda.

Esta a diferença substancial que mostra não haver identificação possível entre os métodos de acção oportunistas que o P. defendeu e a orientação que o Partido presentemente preconiza e defende. Esta a diferença substancial a demonstrar a importância das lutas parciais e do seu papel decisivo no levantamento em massa da Nação.

Sem a compreensão da importância da participação da classe operária e das amplas camadas populares na luta, por todos os camaradas, não será possível intensificar e alargar a luta contra a ditadura fascista.

5 — Os camaradas que sobre estes problemas têm manifestado ideias menos correctas estão, sem talvez disso se aperceberem, a levantar dificuldades à aplicação da linha do Partido. Estes camaradas devem fazer um esforço para compreender a justeza da linha do Partido e entrar rapidamente na sua aplicação prática. A direcção do Partido fará o que estiver ao seu alcance no sentido de dar a sua contribuição na ajuda à rectificação das ideias e conceitos menos correctos, de forma a que todos os membros do Partido constituam um todo monolítico no pensamento e na acção. Por outro lado, os camaradas que ainda não tenham assimilado a orientação sobre «A via para o derrubamento da ditadura fascista e para a conquista das liberdades políticas», têm o dever de não pôr quaisquer entraves às decisões dimanadas do C.C. do Partido e de as cumprir o melhor que puderem. Este princípio do centralismo democrático pelo qual o Partido se rege, deve estar presente em todos os militantes e por todos sem excepção ser levado à prática.

6 — A orientação traçada pelo C. C. na sua Declaração sobre «A via para o derrubamento da ditadura fascista e para a conquista das liberdades políticas», não está suficientemente discutida e assimilada em todo o Partido.

Não existe uma fórmula feita para o levantamento nacional, nem este pode ser determinado de antemão.

Como diz a citada Declaração do C. C.: «Nas condições presentes, o levantamento em massa da Nação para o derrubamento da ditadura fascista é a perspectiva para a qual se devem ganhar as amplas massas do povo português. O levantamento nacional, em que a greve geral política pode desempenhar importante papel, terá de transformar-se numa acção armada, com

a participação ou neutralização de grande parte das forças militares, caso o governo fascista continue a resistir com a violência e o terror à acção popular.»

O levantamento nacional resulta de uma série de condições a primeira das quais é a da participação, não só da vanguarda esclarecida na luta, mas da participação activa e organizada das amplas camadas do nosso povo da cidade e do campo, isto é, dum amplo movimento popular. O levantamento em massa da Nação exige que além da classe operária, dos camponeses e dos outros trabalhadores, mobilizemos a juventude operária, camponesa e estudantil, os valentes mulheres portuguesas, os intelectuais e os artistas, os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, assim como soldados, sargentos e oficiais das forças armadas.

Outra condição também muito importante é a do entendimento e da Unidade de Acção das forças democráticas, sem discriminação de credos e tendências.

As massas desejam que as forças democráticas marchem unidas na luta contra o fascismo, que é o inimigo comum. O Partido esforça-se pelo estabelecimento da Unidade e está certo de que pelos seus próprios esforços e pelo movimento ascensional da luta, esse objectivo será alcançado. As organizações do Partido devem esforçar-se por estabelecer, nos seus sectores de trabalho, acordos de unidade para a acção concreta, como a participação na luta eleitoral e pelas liberdades democráticas, na luta contra a repressão e pela Amnistia, contra o aumento dos impostos, pelo aumento de salários, jornas e ordenados, contra o envio de soldados para Angola, pelo regresso dos que lá estão, pela PAZ em ANGOLA, e tantas e tantas reivindicações de carácter cultural, reivindicativo, pelos direitos sindicais e associativos, pela liberdade de imprensa, de reunião, etc., etc. Será a luta por todas estas reivindicações de carácter económico e político que forjará a Unidade das amplas massas populares, a Unidade com as outras forças democráticas e com os povos das colónias portuguesas que como nós estão profundamente interessados na luta contra a ditadura fascista.

O levantamento nacional processar-se-á através de um período ascensional da luta «contra os monopólios e os grandes senhores da terra», «contra o domínio imperialista e pela completa independência de Portugal», «pelo bem estar do povo português», «pelo reconhecimento do direito dos povos coloniais à autodeterminação e à independência», «pela paz e pela liberdade política».

Será ainda a conjugação da luta legal e ilegal, será a acção das organizações clandestinas, partidárias e unitárias que tornarão o movimento forte e capaz de conduzir vitoriosamente a luta contra a ditadura fascista.

A organização de Comissões de Unidade nas empresas, sindicatos, de Praça e outras, tem uma grande importância no desenvolvimento da luta. A esta tarefa devem todos os membros do Partido dedicar a maior atenção. A participação da classe operária é condição fundamental para a marcha ascensional do movimento democrático. Da sua participação, organi-

zação e actividade, da sua aliança com o campesinato, depende o êxito das grandiosas tarefas que temos pela frente.

O trabalho nas empresas e locais de trabalho, a mobilização da classe operária e dos outros trabalhadores da cidade e do campo para a luta, é entre todas as tarefas que temos pela frente a principal e nem um momento deve ser subestimado.

No desenvolvimento deste processo revolucionário, todo o Partido deve ter a preocupação de se fortale-

cer organicamente, recrutando e organizando nas suas fileiras os melhores combatentes da classe operária, dos trabalhadores da cidade e do campo, da juventude, das mulheres, dos intelectuais mais combativos.

Proseguindo sem vacilações neste caminho, eliminando incompreensões e tendências nocivas à luta, marchando unidos no pensamento e na acção ao mesmo tempo que forjamos um grande Partido Nacional, daremos passos seguros e firmes na luta pela liberdade, passos que nos conduzirão ao levantamento em massa da Nação.

O RECRUTAMENTO TAREFA ESSENCIAL DO PARTIDO

Se compararmos a influência crescente do Partido entre as camadas laboriosas e estabelecermos o paralelo entre as possibilidades de luta, provocadas pela política fascista, e o estado da organização do Partido à escala do país ou de cada região, verificamos o grande desnível existente entre a influência real do Partido no seio das massas e a situação orgânica, do Partido, o número dos seus filiados e organismos nos sectores fundamentais.

Causas de um deficiente recrutamento

Por que se manifesta uma tal diferença entre a real influência do Partido e o atraso das suas organizações?

Uma tal diferença manifesta-se porque houve em todo o Partido uma evidente subestimação pelos problemas de organização, motivada por conceitos oportunistas, segundo os quais a «desagregação irreversível» do fascismo conduziria à queda fácil e imediata do governo.

Por esse facto os comunistas não desenvolveram esforços constantes para alargar as organizações do Partido a novas empresas, aldeias, vilas e cidades, não dirigiram a sua capacidade organizativa para os centros fundamentais da indústria. Eles não souberam atrair as fileiras do Partido os homens e as mulheres que deram provas de combatividade, de interesse político e disposição de luta, em vários movimentos e acções de projecção nacional.

Fixada a atenção em ideias golpistas, no aceleramento das contradições no seio do fascismo, que quase automaticamente conduziriam à sua própria falência, colocaram-se a classe operária e o Partido a reboque das correntes políticas da burguesia liberal e descurou-se não somente a defesa do Partido, mas também os esforços necessários para cobrir as baixas causadas pela repressão, para estruturar organizações, para as desenvolver e politizar, para aumentar consideravelmente os efectivos do Partido.

Quando o controle das organizações do Partido se faz de uma forma rotineira e os funcionários se multiplicam para controlar organismos de base, em vez de criarem organismos intermédios que se encarreguem desse controle—comités locais, de zona, regionais e provinciais—um tal tipo de actividade reflecte-se, de forma negativa, no estado da organização. A falta de organismos intermédios e de ajuda política às organizações, o controle rotineiro, o trabalho individual a falta de reuniões periódicas e de vida política dos organismos de base e intermediários são causas de um deficiente recrutamento.

Em várias empresas e locais de trabalho, os comunistas constituem grupos isolados das massas, recessos de se misturarem com elas, descrendo da sua capacidade de luta, da sua energia revolucionária.

Esses camaradas, exactamente porque não estão ligados aos seus companheiros de trabalho, não discutem e não vivem com eles os seus problemas, não se dão conta do seu estado de espirito e das possibilidades de acção, não fomentam lutas, e não podem por este facto, descobrir novos lutadores.

Tais organizações fecham-se sobre si mesmo, não se ligam às massas, não são a força dirigente que as ajude a solucionar os seus problemas. Por este facto elas não podem recrutar novos membros.

A falta de ligação com as massas, o sectarismo, o isolamento das organizações são causas de um deficiente recrutamento.

As lutas de massas e o recrutamento

As lutas de massas são a melhor escola de aprendizagem da classe operária esclarecendo-a, politizando-a, desenvolvendo, num grau superior, a sua capacidade de luta e a sua consciência revolucionária.

As lutas de massas, pequenas e grandes, põem à prova o espirito de iniciativa, de organização e de combate dos trabalhadores, trazem a primeiro plano e revelam a tempera dos seus melhores lutadores, a sua firmeza e intransigência.

É função imediata do Partido atrair às suas fileiras os homens e as mulheres que se destacaram nas lutas de massas, pois revelaram qualidades que os tornam dignos de pertencerem ao Partido do proletariado.

Na medida em que esses combatentes não são chamados às fileiras do Partido, não só este se não fortalece com a presença de homens firmes e dedicados à classe, capazes de novas e mais importantes acções, como eles próprios se podem perder para a luta, na medida em que não recebem a educação política do Partido e não participam nas suas organizações.

As deficiências registadas no trabalho de organização não têm permitido trazer ao Partido os lutadores da classe operária que se vão revelando nas pequenas e grandes lutas de massas. Por este facto o recrutamento para o Partido é limitado, instável e não raras vezes feito em condições que não permitem atrair às nossas fileiras os operários mais capazes, mais prestigiados e mais combativos.

Quando os comunistas não compreendem a importância do recrutamento de novos membros, que se re-

velam através das lutas de massas, verificamos o que recentemente se voltou a repetir numa organização do Partido. Durante e após acções reivindicativas, que abarcaram milhares de trabalhadores, os membros do Partido foram incapazes de recrutar novos militantes, de organizar células de empresa, de dar à classe operária as formas organizadas de que ela carece para se emancipar da exploração capitalista.

É errado e prejudicial pensar que após uma luta de massas se deve deixar passar tempo para educar politicamente os operários que se destacaram, mantendo contactos individuais com eles, que se prolongam por meses e anos. Só depois chegará o momento de convidá-los para o Partido.

Tal conceito é fruto do trabalho individual conduzido por vários militantes, que consideram o recrutamento como uma consequência de uma actividade lenta e persistente, exercida junto de um companheiro da empresa, que manifestou em conversa a sua concordância com alguns dos nossos pontos de vista.

O Partido não põe de parte este tipo de influência política, com vistas ao recrutamento. Mas a experiência tem-nos demonstrado que os melhores combatentes do Partido são aqueles que se forjam nas lutas de massas, nas acções reivindicativas, na luta política colocando-se à frente da classe para a servir e para a defender.

Condições do recrutamento

Se as lutas de massas revelam a combatividade, a firmeza, a consciência de classe de muitos trabalhadores, a vida diária na empresa, o contacto estreito com os nossos companheiros, a troca de impressões sobre vários problemas permitem-nos conhecer a sua biografia, a sua conduta diária, as suas relações e características pessoais.

É condição indispensável para se vir ao Partido possuir uma consciência de classe, a noção da exploração e com ela a disposição de luta, a firmeza perante os exploradores e os inimigos da classe operária.

Os trabalhadores de vanguarda, os candidatos a membros do Partido devem ser, em todas as circunstâncias, homens de vida honesta, que se imponham aos seus companheiros pela conduta leal e séria para com eles, pela sua capacidade profissional, pelas suas qualidades de bons operários, de bons chefes de família, de trabalhadores conscientes, que estão ligados à classe e a querer a servir.

Quando a luta revelou homens cuja combatividade, firmeza e consciência de classe podemos comprovar; quando as relações estabelecidas nos locais de trabalho nos permitem certificar-nos da sua seriedade e prestígio devemos trazer sem demora, ao Partido, esses novos combatentes, pois é nas nossas fileiras que as suas qualidades se desenvolverão mais amplamente.

Transformemos os simpatizantes em militantes

Muitos camaradas têm à sua volta simpatizantes, que pagam durante anos a imprensa, que ajudam financeiramente o Partido, que colaboram activamente nas lutas reivindicativas, mas não foram chamados à categoria de militantes.

A demora em atrair estes simpatizantes, longe de servir para os consciencializar e preparar politicamente, como pensam alguns camaradas, cria-lhes logo de início, os vícios do trabalho individual, da acção sectária e rotineira, cujas consequências mais dificilmente se eliminam quanto mais o tempo passa.

Os simpatizantes são futuros membros do Partido. Devemos, por isso, cuidar deles com desvelo, para que venham rapidamente às nossas fileiras. É na acção prática, no trabalho de massas, nas Comissões de Unidade, nas lutas reivindicativas que os simpatizantes e os trabalhadores conscientes provam a sua ténpera e aprendem a desenvolver-se politicamente, para se tornarem membros do Partido.

A tarefa que neste domínio se impõe a várias organizações é a de recrutamento imediato para o Partido dos melhores simpatizantes, pois não faz sentido que milhares de homens sérios rondem, durante anos, em volta do Partido, sem que lhes facilitemos a sua promoção. Em algumas organizações do Partido é grande a disparidade entre o número de militantes e de simpatizantes, o que, sem dúvida nenhuma, não serve os interesses da nossa luta nem permite o alargamento do Partido.

O recrutamento e a defesa

O papel de vanguarda que o nosso Partido é chamado a desempenhar na luta contra o fascismo exige-nos que multipliquemos esforços para o alargar e estruturar, para o tornar um grande e poderoso Partido, nas condições da ditadura fascista.

Mas não devemos esquecer que o inimigo não desarma. Os agentes provocadores disfarçam-se com a pele de cordeiro para se infiltrarem nas nossas fileiras. Eles procuram dar provas de interesse e de boa vontade para ganharem a nossa confiança. Mas os provocadores não podem encobrir os seus intentos durante muito tempo, nem a baixa de carácter, desde que estejamos vigilantes, apliquemos a orientação do Partido em matéria conspirativa e não afrouxemos os cuidados e as medidas de defesa.

Quanto mais os comunistas se ligam às massas mais facilidades possuem, com auxílio destas, para identificarem e isolarem os bufos. Em várias empresas, onde a classe operária ganhou maior consciência, ela própria se encarrega de estabelecer à volta dessa escumalha o cordão isolador que os separa dos seus companheiros. Ao contrário do que pensam certos camaradas, o recrutamento para o Partido, feito em condições de segurança e de seriedade, em vez de comportar maiores perigos para a sua existência cria melhores condições de defesa.

O apoio dos trabalhadores aos comunistas é uma importante couraça defensiva contra a acção policial, pela denúncia que fazem dos elementos provocadores, pela defesa que tomam dos militantes do Partido, pelo reforço que trazem à sua actividade.

Se os comunistas se isolam dos seus companheiros de trabalho correm mais perigos na realização das suas tarefas. Fechando-se sobre si mesmo, não se dá conta do que se passa à sua volta, não conhecem a acção do inimigo, mais facilmente se identificam.



Alarguemos e fortaleçamos o Partido

A tarefa do recrutamento é uma tarefa essencial. Só o alargamento e a estruturação do Partido, só a melhoria de todo o trabalho de organização nos permitirá vencer o atraso em que nos encontramos em relação às possibilidades existentes e à influência e real simpatia de que disfruta o nosso Partido entre as massas trabalhadoras.

O debate dentro do Partido e a reunião de Dezembro do Comité Central puseram a claro as debilidades do nosso trabalho de organização nos sectores fundamentais do país, incluindo aqueles onde o Partido conta com uma actividade organizada mais ampla.

O esforço que temos de desenvolver não se destina apenas a recrutar novos membros nos locais de trabalho, mas a estruturar aí as células de empresa, organismos básicos e fundamentais para assegurarmos a ligação com as massas, a criar novos comités locais, de zona, sub-regionais, regionais e provinciais, que sejam educados politicamente na realização das suas tarefas e as saibam pôr em prática.

O nosso Partido não pode cumprir a sua missão histórica no derrubamento do fascismo salazarista se não alargar a sua organização a novas localidades, a novas regiões, a novos sectores, de modo a fixar em bases sólidas e estáveis a sua influência entre os ope-

rários, camponeses, intelectuais, entre a juventude e as mulheres.

A nossa grande tarefa consiste em lançar braços de organização para os centros fundamentais, para as grandes concentrações da indústria, onde o trabalho do Partido é fraco, para as regiões camponesas, para as cidades e vilas onde a actividade do Partido se limita a contactos individuais sem raízes nas massas, para as «zonas brancas», onde não voltámos a estruturar o Partido depois de golpes sofridos.

Os militantes locais são chamados a desempenhar um papel decisivo na tarefa de recrutamento e de estruturação do Partido. Eles, melhor do que os funcionários do Partido, conhecem elementos sérios em várias localidades e empresas e com estes podem estabelecer contactos em torno de problemas concretos da classe, para dar início ao trabalho de organização.

Tal como um exército que se encontra possuído da certeza da vitória, devemos aplicar as nossas melhores energias no alargamento da organização do Partido. Mas, é necessário ter presente que o inimigo procura infiltrar-se, reduzir a importância dos sucessos por nós obtidos, causar-nos baixas, desalojar-nos das posições alcançadas. Daí a necessidade de consolidarmos o alargamento da organização com medidas de defesa e de vigilância e com formas de organização bem estruturadas e radicadas nas massas.

Da autocritica do Comité Central SOBRE A JORNADA NACIONAL PACÍFICA para a demissão de Salazar

A transplantação duma forma mecânica para as condições portuguesas de consignas lançadas em condições diversas existentes noutros países comporta graves perigos.

A orientação política dum Partido Comunista tem de ser traçada na base da análise da situação política existente no seu país. Cada Partido Comunista tem como missão estudar, investigar, descobrir, definir, as condições específicas do seu próprio país, as características peculiares da situação política nacional e definir em relação a elas a linha política, lançar em relação a elas as suas palavras de ordem. Só assim fazendo pode dirigir correctamente a luta do seu povo e conduzi-lo à vitória. Embora, numa conjuntura internacional determinada, haja em diversos países pontos comuns, semelhanças de situação em aspectos económicos e políticos, há sempre traços distintivos essenciais. E se, nas palavras de ordem estratégicas, é mais fácil verificar-se uma identidade entre países diversos, o mesmo não sucede com as palavras de ordem táticas. Estas, para serem justas, têm de responder a uma situação nacional determinada num momento determinado e não podem por isso ser a cópia das palavras de ordem lançadas noutros países em condições diversas.

Isto não significa que não se deve estudar e aproveitar a experiência de outros Partidos. Ela constitui uma riquíssima contribuição para a actividade do nosso Partido. Mas, para que possa constituir tal contribuição, devemos, como ensinou Lênine, «assumir uma atitude crítica em face dessa experiência e comprová-la por nós mesmos» («Que fazer?»). De contrário, as palavras de ordem do Partido, não se podem ajustar à realidade da nossa situação nacional e o nosso povo nem as compreenderá nem as seguirá. Se o Partido, a vanguarda, por uma questão de confiança e disciplina, as segue, corre o risco de se isolar da classe das massas e de caminhar para o fracasso.

Quando se adoptou a consigna da Jornada Nacional Pacífica, em termos que a aproximavam da «greve nacional pacífica» como via para o derrubamento do fascismo, copiou-se mecanicamente a consigna dum Partido irmão, sem se ter em conta a realidade portuguesa. O resultado tinha de ser o insucesso.

(Do documento aprovado pelo Comité Central na sua reunião de Março de 1961 sobre «O desvio de direita no P.C.P. nos anos de 1956/59»).